

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

O GATO RELOGIO

Por LEONOR DE CAMPOS

—Artur! O' Artur! — gritava o Raúl, entusiasmado. — Olha o presente que o meu pai me deu!...

— Que lindo relógio! — exclamou o Artur, sinceramente contente com a alegria do seu amigo.

— Queres ouvir como êle bate? Tem uma pancada forte!... Ora escuta!

E ficaram os dois, muito calados, a ouvir o *tic-tac* regular do relógio.

Raúl, rapazinho, animado, filho de gente rica, tinha um coração excelente.

E, ao vêr o interesse que o Artur mostrava pelo relógio, lembrou-se de que os pais do amigo, pobres como eram, nunca poderiam oferecer-lhe igual presente.

— Ouve-me cá — disse êle — tu gostavas de ter um relógio assim, não gostavas?

— Ai não!... Pudéra!...

— Pois deixa estar que o hás-de ter. Daqui em diante, quando os meus pais



horas. O meu gato é o melhor relógio do mundo...

— O teu gato? — interrogou o Raúl, estupefacto.

— Sim, o meu gato. E', realmente, o melhor relógio que se pode imaginar. Não se atraza; não se adianta. Tem sempre corda, desde que se lhe dêm uma espinhitas de carapau. E ainda por cima... caça ratos!...

— Tu estás a brincar comigo!...

— Não estou, palavra. E se não acreditas, vem daí. Vamos procurá-lo... E vais vêr como êle me diz as horas...

Pouco depois, encontrado o bichano, o Artur pegou-lhe ao colo. Mirou-lhe o focinho e exclamou:

— São onze horas!...

O Raúl olhou o seu relógio:

— Não. O teu relógio está atrazado. São 11 e meia...

— Pelo sol, são 11. Tu não sabes que as nossas horas estão adiantadas, em relação á hora solar, cerca de 37 minutos?

— E' verdade!... Nem me lembrava!...

— Portanto — continuou o Artur — quando no teu relógio são 11 e meia, nos olhos do meu gato são 11 certas...

— Nos olhos do gato? Não percebo!... Explica-te, por favor...

— E' o que vou fazer. Não sei se já reparaste que as pupilas dos olhos dos gatos não têm sempre a mesma forma...



mê derem dinheiro, em vez de o gastar em guloseimas ou soldados de chumbo, hei-de guardá-lo. E, logo que tenha o suficiente para um relógio, compro-o e dou-to!...

Aos olhos do Artur assomaram duas lágrimas de gratidão.

— Dá cá um abraço, rapaz!... E's uma jóia!... Mas... vou dizer-te um segredo: não preciso de relógio para saber as



— Sim. Há ocasiões em que estão quasi redondas. E outras vezes, como agora os do teu, parecem uns riscos...

— Exactamente. E' assim mesmo. Pois as pupilas dos olhos dos gatos são optimos relógios... para quem os souber vêr... Ao meio dia solar, as pupilas estão reduzidas a um traço fininho, perpendicular. A' medida que o dia vai adiantando, as pupilas vão arredondando, até que, á meia noite, são tal qual umas bolas...

— Sério? Tu estás a falar verdade?

— Palavra que sim...

— E quem te ensinou isso tudo?

— Um chinês que está hospedado em nossa casa... Contou êle que lá na China, entre as classes pobres, se en-

sina ás crianças a lêr as horas nas pupilas dos gatos... E elas aprendem tão bem, que, ao fim de pouco tempo, conseguem dizer as horas com a maior precisão...

— E tu tambem aprendêste facilmente?

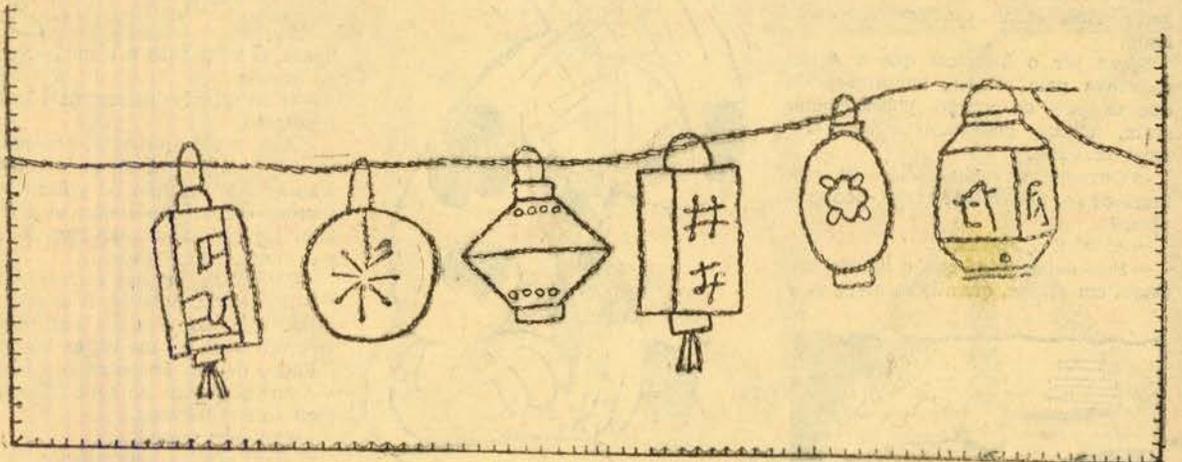
— Estudei com cuidado os olhos do

meu bichano. E não me foi difficil, na verdade, aprender a lêr neles. Com persistência e paciência tudo se consegue...

— Tens razão. E um grandissimo obrigado, pela boa lição que me dêste—rematou o Raúl.

O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS—Por ABELHA MESTRA



Neste friso de balões chineses, enfiados e pendurados num cordel, encontram vocês um interessante motivo para ornamentar várias peçazinhas de roupa. Aplicados em toalhinhas de chá, «napperons» ou guardanapos, darão muita graça a qualquer trabalhinho.

As côres devem ser fortes, como sejam: encarnado, verde, azul, preto e amarelo. Devidamente distribuídas, fazem, quando matizadas com gosto, o mais lindo conjunto.

VOSSA ABELHA MESTRA

GRANDES DE PORTUGAL

Por absoluta falta de espaço sômos, hoje, forçados a não publicar êste nosso concurso, pelo que pedimos desculpa aos nossos estimaveis leitores.

A SURPREZA

Por JOSINO AMADO

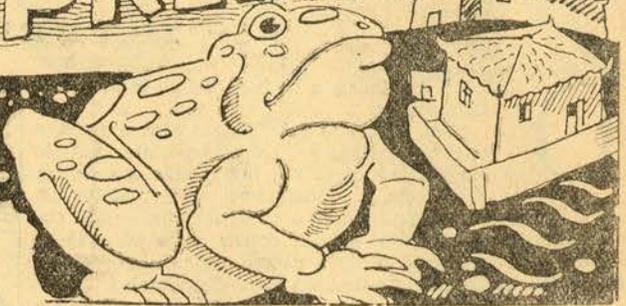
Um dia de fagueira primavera,
Um velho professor aposentado,
Que até aos sessenta anos exercera,
Com amor, o espinhoso apostolado,
Por memorar o labutar de outróra
Fôra passear por verdes campos fôra.

Era um hábito antigo... A Natureza
Foi o manual de sã pedagogia,
Em que as lições aurira de beleza,
Com que os seus educando instruíra,
Por isso, velho, ainda o mestre escola,
Ao compulsá-lo, todo se consola.

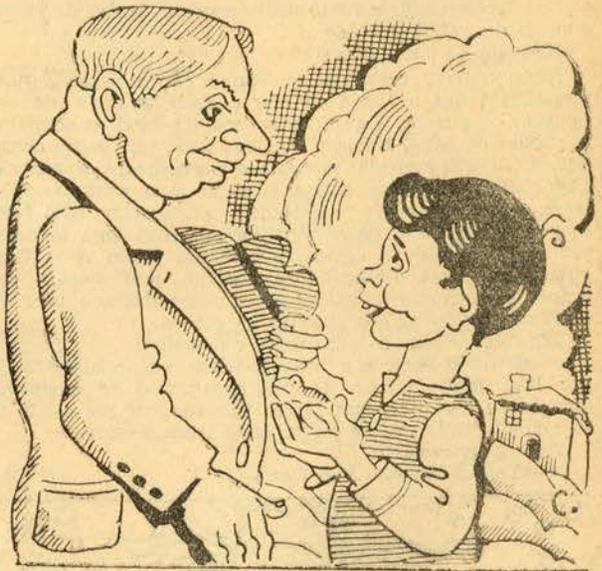
Pelos campos floridos, verdejantes,
Conhecidos da alegre mocidade,
A sombra do que foi noutros instantes,
Vagueia, contemplando, com saúde,
As salas de aula, onde, tantas vezes,
Dera lições aos jovens portugueses.

Debaixo d'êstes ómos, quantos dias
Fizeram lindas coisas manuais,
No cume, além, de alpestres penedias,
Ensinou êstes mapas naturais,
Aqui desenho, ali modelações.
Agora brincam, logo são canções!...

Lembra a história da Pátria, que contára
Sob a cúpula azul da imensidão,
E as almas por abrir que modelára,
Com paciência, amor e devoção,
Mil episódios duma vida obscura,
Gasta a ajudar as forças da Natura.



Ia o Sol declinando, majestoso,
Tingindo as nuvens de clarões purpúreos,
E o mestre pára, triste, descuidoso,
Para escutar os cândidos murmúrios
Das fontes cristalinas, fecundantes,
Bordadas de folhagens vicejantes.



Nisto, perto de si, entre o arvoredo,
Descobre um pequenito, procurando
Alguma coisa. O mestre, mudo, quêdo,
Ficou-se estarecido, reparando,
O que fazia e, pela sua mente,
Passou-lhe uma suspeita, de-repente.

— «Anda aos ninhos, talvez, êste menino...»
— (Pensou, de si p'ra si, o professor) —
De que serviu, então, o meu ensino,
Os meus conselhos, todo o meu labôr?!...
Oh! que fundas raízes a maldade
Possui no coração da humanidade!...»

Enquanto assim cismava, o rapazinho,
Trazendo o quer que fôsse no boné,
Prazenteiro, saltou para o caminho,
Indo passar, confiado, mesmo ao pé
Do mestre, que lhe diz, compadecido:
— «Deixa vêr o que levas escondido?...»

O pequeno, tomando a côr da rosa,
De olhos fitos no chão, calou-se, triste.
Então, o professor, com voz bondosa,

(Continua na página 7)

HISTORIA MARAVILHOSA

Por ISABEL AREOSA

DEPOIS do almoço o Rodrigo deitou-se a dormir uma sonéca.

Dai a bocado foi brincar para a praia e estava entretido a ppanhar conchinhas quando viu um grande Búzio, tão grande que dentro dele cabia a vontade uma pessoa. Meteu-lhe uma mão para ver o que continha e, não encontrando nada, avançou um pé, depois outro pé, e lá se foi metendo todo pelo Búzio a dentro. Mal tinha acabado de entrar, sentiu que este deslisou mergulhando no mar.

Tudo isto se passou com a rapidez do relâmpago e o Rodrigo nem teve tempo de gritar por socôrro. Quiz fugir mas encontrou tapada a saída do Búzio. Então, ficou na dolorosa expectativa de que lhe iria suceder. Compreendia que o Búzio descia sempre para o fundo do mar. Assim se passaram horas até que, a certa altura, sentiu que o Búzio parára.

Experimentou, então, deitar a cabeça de fóra e, com grande espanto seu, viu que podia respirar dentro de água e que podia sair à vontade...

Estavam no fundo do mar.

Rodrigo ficou deslumbrado. Nunca havia pensado nas maravilhas que o fundo do mar contém. A areia estava juncada de estrélas e grandes árvores de coral se erguiam por todos os lados. Havia peixes das mais variiegadas côres que se intrometiam pelos interstícios dos rochedos, de formas caprichosas, enquanto outros giravam num continuo vaivem. O Rodrigo estava extasiado a contemplar todo este movimento quando, de súbito, lhe apareceu uma enorme concha que deslisava como um carrinho muito veloz. Era guiado por uma mulher formosíssima, toda vestida de branco, com os cabelos caídos pelas costas abaixo e um rico diadema de pérolas e brilhantes na cabeça.

Ela estendeu-lhe as duas mãos e disse-lhe:

—«Rodrigo — eu sou uma princesa encantada e sou, por isso, muito infeliz. O meu encanto só se quebrará quando eu encontrar um jovem valoroso que me ajude a sair daqui. Serás tu esse jovem que há tanto espero?»

Rodrigo respondeu:

—«Tudo farei para te salvar.»



Então, a princesa convidou-o a subir para cima da concha e conduziu-o ao seu palácio.

Aí, ambos contaram a história da sua vida que era, afinal, a mesma. Ambos tinham sido ludibriados pelo Búzio, quando andavam a brincar à beira mar.

Para poderem voltar à superfície da terra, era necessário que o Búzio morresse. Urgia matá-lo. Mas como?! Rodrigo não trouxera nenhuma lança consigo e, no fundo do mar, era impossível adquiri-la.

Então, Rodrigo e a princesa conceberam um plano:

Fôram falar ao Roaz. Mas êle respondeu-lhe que lutas só com o atum. Com êsses sim, quando os via atirava-se a êles, como S. Tiago aos Mouros. Agora descer a lutas com o Búzio, isso não o divertia nada e além disso considerava o Búzio um ornamento do mar e um animal inofensivo.

Tiveram de desistir.

Foram falar ao Espadarte que, com o seu longo espigão, ataca e mata a baleia.

O Espadarte alegou que nunca, nem nos dias de mau humor, se tinha dado ao prazer de atacar os búzios. Se quisessem alguma coisa para a Baleia, então estava bem. Era inimigo figadal da Baleia e nunca a topava no seu caminho que a deixasse passar em paz.

Passou, nesta altura, um exército de lulas e Rodrigo teve uma idéa luminosa.

Chamou-as e disse-lhes que o Búzio projectava dar-lhes

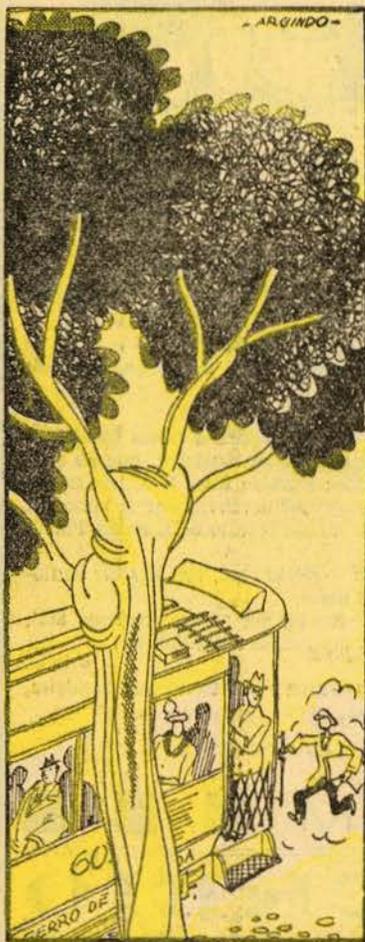


Os ardinhas

POR

AUGUSTO DE SANTA RITA

O gaiato dos jornais já trabalha para os pais... Fronte erguida, corre, berra, corre, vó!... já batalha,



ja labuta,
luta,
lida
nesta guerra
que é a vida.
Nervosos, ageis, frenéticos,
magrinhos, quási esqueléticos,
aos estribos dos eléctricos,
ei-los subindo,
sorrindo
sempre contentes, felizes.
E ao verem, neles sentados,
quanta vez outros petizes,
das mesmas idades deles,
bem trajados,

daqueles
que andam envoltos em peles,
conduzindo
— quem sabe?! — um brinquedo
lindo

num grande embrulho...
Em suma: — crianças finas...
Os ardinhas
não os invejam jamais!
Cheios de orgulho,
fazem inda mais barulho,
apregoando os jornais!

F I M

CONCURSO: — Grandes de Portugal

Satisfazendo o pedido de inúmeros leitores, vimos, hoje, anunciar os prémios do nosso Concurso.

Haverá um 1.º Prémio, em geral, tirado à sorte de entre as cadernetas que adivinhem todas as figuras. Constará de 4 livros de contos infantis, profusamente ilustrados.

A's cadernetas que adivinharem a totalidade das figuras, serão atribuídos 3 prémios. O 1.º constará de 3 livros, o 2.º de 2, e o 3.º de 1 livro.

A's cadernetas artísticas, dar-se-ão, também, 3 prémios, distribuídos de igual forma.

Além destes prémios, serão concedidas menções honrosas, com direito à publicação dos retratos, vantagem esta de que gozarão também os premiados.

guerra. As lulas riram-se e responderam que, quando elas se queriam defender, não tinham mais que fazer a água escura. Rodrigo pediu-lhes, então, que o ajudassem a matar o Búzio. As lulas puzeram-se de atalaia e, quando o viram chegar, deitaram tanta tinta que foi impossível ao Búzio vêr um palmo diante do nariz. Sem perda dum momento, Rodrigo deitou-o ao chão e começou a enterrá-lo, a enterrá-lo na areia, com toda a força... até que, finalmente acordou.

Estava no chão jogando furiosamente o box com as almofadas do canapé!

Tinha estado a sonhar.....

Rodrigo fartou-se de rir quando pensou no seu sonho, nos ódios do roaz e do atum, do espadarte e da baleia, e na curiosa defesa das lulas.

E achou interessante como os peixes também têm, entre si, inimidades e indiferenças.

Duas pequenas histórias

■ PARA OS MAIS PEQUENINOS ■

O MENINO MENTIROSO

Por JOSÉ GOURCEL

O menino João tinha o péssimo costume de pregar mentiras. Quando fez sete anos, o pai mandou-o para a escola.

No fim do primeiro mês, ao chegar da escola, foi imediatamente procurar a Mãe, exclamando:

— Mãezinha, já vi o meu boletim e também os dos meus colegas. Vi todos em cima da mesa da professora. O meu tem a nota 12.

Passados uns dias, a Mãe de Joãozinho teve de ir a escola falar com a professora, que era sua amiga.

Depois de alguns minutos de conversação, perguntou:

— Já tens prontos os boletins? Quero ver a nota do meu Joãozinho.

— Não; o director ainda não me mandou os boletins; por isso, ainda não os enchi.

O pai de João foi sabedor do caso e, quando este chegou, perguntou-lhe:

— Já viste o teu boletim, meu filho? Que nota tens?

Então, Joãozinho percebeu que a sua mentira havia sido descoberta e começou a tremer e a chorar. O pai, vendo-o assim, tomou-o ao colo e disse-lhe:

— Nunca mintas, meu filho. A mentira é, de todos os defeitos, o mais feio; o pior, o que mais mal nos faz. Aquele que se acostuma a mentir, é desprezado por todos e ninguém nele acredita, nem mesmo quando fala verdade.



A NOSSA BANDEIRA

José e Alfredo estavam brincando com algumas bandeiras.

Enterravam-nas no chão e faziam-lhes pedestais de areia, que cobriam de flores.

De repente, José exclamou:

— Porque teriam escolhido umas cores tão feias para a nossa bandeira?

— José — disse Alfredo — olha, com amor, a nossa bandeira, que as suas cores te parecerão bonitas. Nossa Mãe é linda; mas, se fosse feia, nós não a acharíamos bela e não lhe teríamos o mesmo amor e veneração? A bandeira representa a nossa querida Pátria. E', pois, como um retrato dela. Nossa Pátria também é nossa Mãe.

— Ah, eu não sabia — reflectiu Josézinho. — Nesse caso, vou já tirar as flores das outras bandeiras e passá-las para a nossa.

— Não faças isso, José — disse Alfredo. — Então, por amares a nossa Mãe, não poderás também amar e respeitar a mãe dos nossos amiguinhos?!

— Ah, é verdade, como eu sou tólo!...

— Meu querido irmão — rematou Alfredo — ama e venera a nossa bandeira, mas respeita, também, as das outras nações.



■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

HORA DE RECREIO

SECÇÃO CHARADISTICA Por AMERICO TABORDA

RESULTADOS DO N.º 9

DECIFRAÇÕES

1 — Calendário; 2 — Corteja-corja;
3 — Missa-assim; 4 — Modesta; 5 —
Pavor-vapor; 6 — Apóstrofe; 7 — Lu-
zia-Luiza; 8 — Depois do burro morto
cevada ao rabo.

PRODUTORES
QUADRO DE DISTINÇÃO

N.º 1 — Zé Gaspar — 9 votos
N.º 1 — Zé Manel — 7 votos

N.º 6 de «Zé Quitolas», 6 votos; n.º 3,
de «Vir Bonus» e n.º 8, de «Renato R.
Paulo, 4, cada; n.º 4, 3; n.º 5, 2.

DECIFRADORES
QUADRO DE HONRA

Tomigas, Ricardito, Maridália, Pim-
plim, Adriano Reis, Nêcas L. Mário,
Martos, Tlvorc, Vir Bonus e Paca-
tinha
(totalistas)

A SURPRESA

(Continuado da página 3)

Tornou-lhe assim: — «Menino, não ouviste
O que eu disse... Já sei, foste roubar
As avezinhas do macio lar!...» —

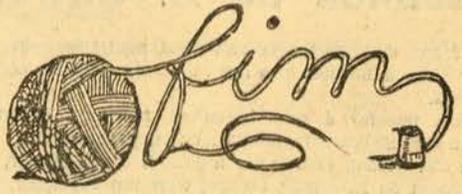
Escutando a censura, o bom miúdo,
Pupilas vivas, sorridente, guápo,
Abre o boné e mostra tudo, tudo...
O professor exclama: — «Um sapo!... Um sapo!...»
Perdôa, amigo, se fiz mau conceito
Do bem que medra em teu pequeno peito!» —

Ouvindo ao pequenito estas verdades,
O professor abraça-o ternamente,
Enquanto vibra, ao longe, das trindades
O toque santo, místico, dolente,
E diz-lhe: — «Val, a tua nobre acção
Mostra bem quanto vale a Educação!...» —

E depois, carinhoso, impressionado,
Beija a criança, e diz-lhe, paternal:
— «Porque levas aí, tão bem guardado,
O perseguido, esqualido animal,
Que, pelo bem que faz às criaturas,
Recebe só perseguições, torturas?...» —

Sumira-se na linha do horizonte
O belo Sol, augusto, criador...
Os rouxinóis nos salgueirais da fonte
Saúdam, num gorgelo, o professor,
Que a paz no peito leva para a aldeia,
Em viva, impressionante maré-cheia!...

— Levo-o p'rá nossa horta — diz, sorrindo,
A encantadora e boa criancinha —
E' um bom hortelão, que, sem ser lindo,
Por jardins, por quintais e pela vinha,
Passa a vida a poupar aos lavradores
Mil canseiras, fadigas e suores.» —



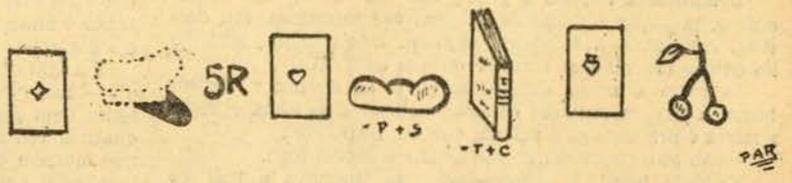
QUADRO DE MÉRITO

Sob-Chávena, António Freire, Armando Garcia Félix, Armandinho, Carlos Martins Figueiredo, Alfredo Matos, Artur de Melo Cabral e Zé Fernando, 7; Far, Renato Rodrigo Paulo, Jorge Pereira, José Antunes Baptista, Mélio Arita, Homem-Sombra, Pipocas e Tacos, 6; D. Bibas, Américo B. Fernandes e Rex, 5; Maria Alice Botelho Moniz, Pírolito, Armando Jorge, Crisante Taborda, Delca e Carlos F. Cotter Moreira, 4.

ENIGMA PITORESCO

(Ao «forte» Adriano Reis)

6 —



Zé e Bonina, 3.

CHARADAS EM VERSO

1 — Que te queira com loucura — 2
E te faça um juramento
Pedes com tanta ternura
Que me vem ao pensamento
Que me julgas opulento. — 2

Suspende teu grande empenho, — 1
Esconde a tua ambição...
Põe-me à margem. Nada tenho. — 2
E depois pede perdão
Ao Director de secção.

SINCOPADAS *Elena*

(Dedicada a Manecas & Tonecas)

2 — Foi esta notícia que deu ocasião
a boatos. — 3-2.

Far

(A todos os colaboradores desta secção)

3 — Assevero que vos quero bem. —
3-2.

Far & Nha

4 — Cautela com todo o enredo que
seja muito usado nalgum país asiático.
— 3-2.

Fernando R. Cunha

SALTITANTE

5 — Tens de consentir no casamento
ou então será a tua perda.

1 2 3 4 5
5 3 4 2 1

Emídio Matias Pinto

NOÇÕES DE CHARADISMO

(Continuação)

O mesmo dicionário nos indica os termos *suficiência* e *talento* como sinónimos de *capacidade*. Dêstes escolhemos ainda *talento*.

Podemos, então, constituir a frase, para a qual já temos:

Cobertura = capa.
Povoação (superior a vila) = cidade.
Talento = capacidade.

Os termos devem entrar pela ordem por que estão discriminados:
Para fazer a *cobertura* destinada à *povoação superior a vila* foi preciso *talento*. — 2-3.

O último termo, correspondente à decifração, chama-se *conceito*; os restantes, *parciais*. Os algarismos no final da frase indicam o número de sílabas dos termos referentes às parciais: a sua soma o número de sílabas da decifração.

Ainda outra exemplo:
Temos a palavra *esférico*; decompondo-a surge-nos: *és* (do verbo *ser*), *fé* e *rico*.

Em qualquer dicionário se verifica *ser*, como sinónimo de *estar*. Portanto *és*, sinónimo de *estás*. Ainda no dicionário de Fonseca e Roquette vemos: *fé* = *crença*; *rico* = *belo*. Finalmente, em termo familiar, temos *esférico* = *obeso* (Dic. J. de Séguler).

A frase pode ser então:
Estás na crença de vires a ser belo sendo tão obeso? — 1-1-2.

Decifração: — *Es* (1) *fé* (1) *rico* (2).

SINCOPADAS

Ao contrário do que se faz nas novíssimas em que a decifração está definida

só no último termo grifado (é obrigatório que assim se proceda, para nos indicar os termos que constituem essencialmente a charada), nas sincopadas é o primeiro que corresponde à decifração total.

Gramaticalmente, *síncope* é a supressão de uma letra ou de uma sílaba no meio de uma palavra. É desta figura que deriva o nome da modalidade charadística de que tratamos, visto a sua estreita relação com aquela.

As *síncopadas* fazem-se do modo seguinte:

Escolhe-se a palavra que será a decifração com a particularidade que esta será *impar quanto ao número de sílabas*. (Dum modo geral não vai além de 5, só muito raramente). *Suprimindo-lhe a sílaba central, é necessário que outra palavra se nos depare. Será a decifração do segundo conceito e auxiliará o decifrador a encontrar a do primeiro, ou seja a palavra cuja primeira e última (ou primeiras e últimas) sílaba, é aquela decifração.*

Exemplificando, temos *cantiga*. Suprimindo-lhe a sílaba central, fica-nos *canga*.

Procurando em qualquer dicionário significados ou palavras sinónimas destas, obtemos:

Ária = *cantiga*.
Jugo = *canga*.

Adaptando os termos escolhidos à frase podemos então formar:
Ouvindo tão linda *ária* os bois nem sentem o *jugo*. — 3-2.

AMÉRICO TABORDA

(Continua)

uma pergunta

do Nécas.

Por MANUEL FERREIRA

Desenhos de A. CASTAÑÉ

O Nécas, embora tenha seis anos, sómente, gosta de perguntar tudo à mamã, que lhe responde sempre, com muita paciência.

Assim mesmo é que todos os meninos devem fazer. Quando não souberem qualquer coisa, perguntem.

Um dia destes, estava ele à janela e viu passar, na rua, um homem de fato azul escuro, com um capacete, também escuro, na cabeça, donde pendia um cordão vermelho. No cinturão, trazia um machado. Caminhava, de frente erguida, cadenciando o corpo, num passo enérgico e firme.

Nécas vira, já bastantes vezes, aqueles homens, isolados, ou em paradas. Preguntára à mamã e esta respondera-lhe: —São bombeiros.

E admirava imenso o garbo dos bombeiros, uns novos; outros, já idosos e vergados ao péso das medalhas. Em desfiles, escoltando a bandeira, seguiam três homens, levando ao ombro um machado maior do que os outros.

As vezes, o nosso amiguinho ouvia as sirenes e via subirem a rua, carros com escadas, depósitos de água e mangueiras e perguntava à mamã, que lhe respondia:

—São os bombeiros que vão acudir a algum fogo.

Naquela tarde, D. Ester—assim se chamava a mãe do Nécas—quis explicar, mais detidamente, ao filho, o que são os bombeiros, começando por lhe dizer:

—O bombeiro é um homem que, no momento do perigo, se esquece de si, para salvar os outros. Chamam-lhe soldado da Paz e tem por divisa estas três palavras: *Vida por Vida*.

—Que quere isso dizer?—perguntou o pequeno.

—Que arrisca a sua vida para salvar a dos outros—(respondeu D. Ester).—Se fór um inimigo que precise do bombeiro, este apressa os passos e abre ainda mais o seu coração. Nunca se demora a aparecer.

Quando todos fogem, os bombeiros aparecem. Quando todos desesperam, eles lutam. Por isso, quando todos descreem, os bombeiros vencem.



Têm só um ideal: *Humanidade*, e uma palavra: *Disciplina*, que é todo o seu alfabeto.

—Porquê, mamã? Porque é que a palavra *disciplina* é o alfabeto do bombeiro?—inquiriu o Nécas.

—E' muito simples. Porque tôdas as letras dessa palavra significam as virtudes do soldado da Paz. O *d* é a inicial da dedicação e ninguém mais dedicado do que ele; o *i* simboliza a *iniciativa*, que nunca o abandona; o *s* o *sacrifício* constante pelos outros; o *c* a *coragem* que revela; o *p* a *prontidão* com que aparece; o *l* a *lealdade* que mostra, salvando tanto o amigo como o inimigo; o *n* a *nobreza* do seu ânimo e o *a* a *abnegação*, que é a virtude que corôa todas as outras.

E a mãe continuou, ante a admiração do Nécas:

—Cada medalha que tu vês no peito dum bombeiro, representa uma pessoa salva, quem sabe se com risco de vida. E, quantas vezes, arrebatando ao perigo os seus semelhantes, não morrem os soldados da Paz!

Queres um exemplo:

—Perto da nossa casa, havia uma família que tinha prejudicado o meu pai com uma demanda injusta. Éramos ricos, mas aquela gente deixou-nos na miséria.

Porém, certo dia, houve um incêndio na casa onde essa família morava. Meu pai, que era bombeiro, correu ao fogo. Entrou num quarto, já ameaçado pelas labaredas, e salvou uma criança. Entregou-a a um bombeiro que estava numa escada encostada à janela, e, enquanto o colega descia com a criança, meu pai, entre nuvens de fumo, atingiu a escada. Mas pôs um pé em falso e veio estatelar-se na rua.

Morreu no seu posto.

As duas famílias ficaram amigas e os pais da criança restituiram-nos aquilo que tinham, ilegitimamente, levado.

«Nesse tempo, era eu pequenina—(continuou D. Ester). Passados vinte anos, casei com a criança salva por meu pai e que era já um belo rapaz de vinte e duas primaveras. Essa criança é o teu paizinho, Nécas.

O pequeno ficou vivamente impressionado com a explicação da mãe. Daí para o futuro, quando encontrava um bombeiro com o peito coberto de medalhas, via diante de si um herói e descobria-se, respeitosamente...

